

# Aula 7

## PRINCIPAIS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS (GRUPO FOCAL)

### **META**

Apresentar as principais características da técnica do Grupo Focal.

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá:

- Identificar e conhecer as principais características do Grupo Focal no desenvolvimento de pesquisas qualitativas;
- Reconhecer a importância do Grupo focal como instrumento eficaz para a compreensão e entendimento de determinado fenômeno social;

### **PRÉ-REQUISITOS**

Definir e compreender os princípios que regem a pesquisa qualitativa.

**Weverton Santos de Jesus**  
**João Paulo Mendonça Lima**

## INTRODUÇÃO

A pesquisa qualitativa é uma abordagem metodológica eficaz quando se pretende conhecer e interpretar as realidades sociais dos sujeitos (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2008). O entendimento claro acerca do fenômeno social estudado é a principal justificativa do seu uso, destacando-se pela proximidade entre o sujeito e fenômeno investigado.

A formulação de explicações sobre o objeto de investigação permite ao pesquisador a interpretação da realidade que os sujeitos vivenciam. Para tanto, a pesquisa qualitativa propõe o uso de vários tipos de técnicas, que admitem diferentes caminhos para uma melhor caracterização e análise dos dados.

A utilização de diferentes estratégias é também motivada pelas constantes mudanças nas sociedades contemporâneas, que afetam diretamente a vida social dos sujeitos, modelando novas formas de comunicação, hábitos e comportamentos. O estudo dessas realidades impõe o aperfeiçoamento e a combinação de novos métodos de pesquisa (FLICK, 2009).

Nesse contexto, o pesquisador qualitativo desempenha papel importante tanto na coleta como no tratamento dos dados qualitativos. Trata-se de uma atividade que exige do pesquisador experiência teórica e metodológica, articulada a sua capacidade imaginativa, intuitiva e integradora frente à quantidade de material coletado (MARTINS, 2004). O desenvolvimento dessas condições permite-lhe compreender, interpretar e propor inferências quanto ao material de análise e, conseqüentemente, reconstruir o contexto social de onde as informações surgiram.

Martins (2004) orienta que o pesquisador qualitativo deve procurar entender a realidade como ela é, e não como ele gostaria que fosse, tratando o sujeito como portador de um conhecimento e agente social daquele contexto, e não como um simples objeto da pesquisa.

O interesse no que as pessoas pensam e sentem sobre o mundo à sua volta, sobre as pessoas e sobre os objetos, é destacado por Lüdke e André (1986, p. 12) como uma das características da pesquisa qualitativa: “Nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar a ‘perspectiva dos participantes’, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas”.

O Grupo Focal (GF) é uma das principais técnicas empregadas no entendimento e levantamento de questões sobre o objeto de estudo de uma pesquisa qualitativa. O seu emprego justifica-se na potencialidade da interação grupal como ferramenta capaz de mobilizar e expor motivos, crenças, opiniões, influências e sentimentos que os estudantes possuem sobre o ofício docente.



(Fonte: <http://www.makeup-looks-da-ines.com>)

## O GRUPO FOCAL (GF)

O GF é uma técnica que propõe uma dinâmica de interações entre um conjunto limitado de pessoas que devem estabelecer, entre si, uma troca mútua de informações, pensamentos e expectativas com relação a um determinado tema, provenientes de suas experiências pessoais e do contato com seu meio social, sendo orientado por um moderador ou facilitador.

Stewart e Shamdasani (1990) definem o GF como uma fonte rica e detalhada de informações, cujos sujeitos participantes expressam-se com suas próprias palavras. Para Wibeck, Dahlgren e Öberg (2007), é nesse momento que ele ganha um valor especial, pois permite ao pesquisador compreender como um determinado tema, que é o foco da discussão, é concebido a partir da perspectiva dos integrantes do grupo.

É importante destacar que, com o GF, é possível obter um número de informações sobre o objeto estudado em um curto prazo de tempo, principalmente quando comparado a outras técnicas de investigação: a observação, a entrevista individual e os questionários, que consomem muito tempo para a coleta de informações ou para a confecção dos instrumentos (GONDIM, 2003; GATTI, 2005; FLICK, 2009).

As vantagens sobre esses instrumentos também são apontadas por Subramony (2002), que destaca o fato de que, durante a discussão, o fluxo e a troca de informações entre os participantes será o catalisador de novas

emoções e pensamentos de cada indivíduo, possibilitando ações e declarações que não seriam apresentadas em outros instrumentos. Nesse contexto, Sim (2008) nos chama a atenção para o importante papel do pesquisador no processo de codificação dos dados e na sua qualidade, ainda comparando-se a outros instrumentos investigativos.

### CARACTERÍSTICAS DO GF

O uso do GF deve atender a algumas especificidades descritas por Gatti (2005), como: as características dos integrantes do grupo, o número de integrantes, a forma de coleta dos dados e o ambiente da sessão, a condução do GF, a elaboração de um roteiro e a finalização.

Os integrantes do grupo focal são escolhidos de modo a apresentarem alguma característica em comum: idade, gênero, contexto social, etc. Pois segundo Gatti (2005), eles devem possuir alguma relação com o tema a ser discutido e assim, fortalecer a proposição de questões que partam de suas experiências e auxiliem no desenvolvimento da comunicação na interação grupal.

A discussão em torno de um tema deve ser desenvolvida a partir de questões pontuadas em um roteiro, objeto que auxilia na condução dos grupos focais. Esse guia deve apresentar questões relacionadas ao objeto de estudo, que visam provocar, sustentar e direcionar a discussão (BARBOUR, 2009).

O roteiro do grupo focal é elaborado procurando recuperar fatos, acontecimentos e experiências. É importante que os tópicos presentes no roteiro sejam previamente discutidos por um grupo de pesquisadores antes da sua execução, tal como ocorre na produção de roteiros de entrevistas e elaboração dos questionários. Os tópicos devidamente hierarquizados, de modo que se relacionassem uns com os outros. A ordem estabelecida e flexibilidade dos temas permitiram ao moderador e aos integrantes retomar pontos anteriormente comentados, além de articular melhor a discussão.

Um exemplo de modelo de roteiro de desenvolvimento de um GF foi apresentado por Jesus (2012), ao pesquisar as representações sociais sobre ser professor de graduandos de química, física e ciências biológicas (Tabela 1).

Tabela 1: Roteiro de trabalho do grupo focal.

<b>I. INÍCIO</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>i. Apresentação do moderador e dos relatores, e seus respectivos papéis.</li> <li>ii. Apresentação dos alunos. Os mesmos colocarão seus nomes em crachás que lhes são entregues.</li> <li>iii. Apresentação dos objetivos da investigação e da escolha dos integrantes do grupo focal.</li> <li>iv. Divulgação das formas de registro do trabalho, bem como do anonimato dos envolvidos e preenchimento do termo de consentimento livre e esclarecido.</li> <li>v. A proposta do grupo focal e a duração aproximada do encontro.</li> <li>vi. Defender a ideia de um debate, com o envolvimento de todos.</li> </ul>
<b>II. DESENVOLVIMENTO</b>
<p><b>A. SOBRE SER PROFESSOR.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>1. Quando eu falo Ser professor, o que vem à sua mente e à de seus colegas?</li> <li>2. Os alunos conversam? O que falam? <ul style="list-style-type: none"> <li>2.1. E os professores?</li> <li>2.2. A família?</li> </ul> </li> <li>3. O que contribui para que uma pessoa se torne professor e o que pode impedir?</li> <li>4. Existe algo de negativo e ou de positivo em ser professor?</li> </ul> <p><b>B. O PAPEL DO CURSO</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>5. Quais os critérios para escolha do curso de graduação? E a licenciatura? Como acontece essa escolha?</li> <li>6. Os alunos que estão no meio do curso discutem as mesmas questões de quem está no final?</li> <li>7. O que os alunos desses cursos de licenciatura esperam após o término?</li> </ul>
<b>III. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>i. Informar aos integrantes que a discussão está se aproximando do final.</li> <li>ii. Solicitar que exponham comentários ou observações de algo particular que se relacione com a temática da discussão, e que não estava na pauta do roteiro, mas que eles gostariam de abordar.</li> <li>iii. Agradecimentos pela participação.</li> </ul>

Antes do desenvolvimento do roteiro é fundamental buscar familiarizar com os sujeitos da pesquisa. Para isso, deve-se fazer a apresentação formal do moderador e dos relatores, dos sujeitos, dos objetivos da pesquisa e do grupo focal, das formas de registro e da garantia do anonimato dos sujeitos envolvidos. Ao final, deve ser solicitada a leitura e assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido (ver cópia do termo na aula anterior), conforme modelo disponibilizado pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), para que os sujeitos fiquem cientes sobre a análise, o tratamento e as consequências sobre os dados que serão transmitidos por estes.

O número de integrantes no grupo focal não deve ser muito pequeno o que limitaria a comunicação e a interação entre os membros, e nem muito grande, o que tornaria a discussão impossível de ser mediada e possivelmente nem todos os integrantes conseguiriam participar efetivamente.

Na literatura, são definidos grupos focais de diversos tamanhos, variando de 4 a 8 pessoas (BARBOUR, 2002; WIBECK; DAHLGREN; ÖBERG, 2007), 4 a 10 (GONDIM, 2003; FLICK, 2009) 6 a 12 (FOLCH-LYON; TROST, 1981; SUBRAMONY, 2002; GATTI, 2005; FREEMAN, 2006; SIM, 2008). Porém, todos os pesquisadores compartilham da mesma opinião, de que o número de integrantes pode sofrer alterações em virtude da proposta do grupo, da habilidade do moderador e da complexidade e nível de aprofundamento que se deseja para a temática discutida.



(Fonte: <http://crninc.net/>)

As sessões dos grupos focais têm duração média de 1 a 2 horas. Ela deve ser realizada em um ambiente confortável e agradável, preferencialmente em uma sala ampla, com ar condicionado, porta sem janela e com fechadura, mesa longa e com cadeiras acolchoadas para todos os participantes. Estas

precauções são levadas em consideração a fim de evitar qualquer interrupção externa e visando garantir a privacidade do grupo.

O registro das interações de um GF pode ser feito utilizando gravadores de áudio e de vídeo. A gravação de áudio exige que os dispositivos sejam posicionados em locais que garantam a qualidade das gravações. Devem ser utilizados mais do que um gravador, que são testados previamente.

A gravação de vídeo é uma vantajosa ferramenta a ser utilizada no registro das falas e expressões gestuais do grupo focal, principalmente por sua eficácia nestes quesitos quando comparada a outras ferramentas. No entanto, é importante ficar atento a alguns empecilhos que implicam seu uso, como: a inibição e o desconforto dos sujeitos que prejudicaria o seu envolvimento natural; as dificuldades na preservação do anonimato dos sujeitos; e as divergências com relação ao posicionamento das câmeras, que a depender da sua capacidade de foco, pode não acomodar todo mundo na filmagem e limitar com isso a quantidade de participantes (BARBOUR, 2009).

A transcrição das falas do grupo focal é desenvolvida levando em consideração alguns sinais sugeridos por Carvalho (2007) para pesquisas no campo da Educação.

O parêntese simples “()” é utilizado para descrever palavras que não puderam ser corretamente entendidas e são substituídas por hipóteses do pesquisador; o parêntese duplo “(())” para registrar comentários do pesquisador; os colchetes, “[ ]” para o registro de falas simultâneas; os dois pontos duplos “::” para as falas em que houve prolongamento de vogais ou consoantes; o deslocamento “\_\_\_\_\_”, para falas em que houve interrupção por um colega ou pelo mediador; as reticências “...” para pausas nas falas; a interrogação “?” para as perguntas; e as letras maiúsculas, para maior entonação da voz.

Todos esses artifícios devem ser utilizados de modo que o leitor compreenda os gestos e ações que transcorreram durante a sessão, destacando inclusive, na transcrição das falas, a entonação da voz e os termos coloquiais empregados pelos sujeitos.

A condução do diálogo e o envolvimento de todos os integrantes do grupo focal na discussão sobre o tema proposto no são funções desencadeadas pelo moderador ou facilitador. Sim (2008) destaca que o moderador deve despertar o interesse e gerar a discussão, tomando cuidado para não forçar opiniões que, de certo modo, venham a confirmar as hipóteses de sua pesquisa ou expectativas pessoais, haja vista à influência que este exerce na condução do processo interativo.

O moderador exerce, assim, um papel central na discussão em grupo. Ele deve garantir a dinâmica das discussões intervindo o mínimo possível e somente quando necessário, procurando estar atento a algumas condições que visem garantir a qualidade e a fluidez das interações, entre as quais, perceber quando a discussão está se afastando da temática proposta, verificar

quando a comunicação está concentrada em apenas um grupo, reformular e adicionar questões (GATTI, 2005; BARBOUR, 2009).

Gatti (2005) defende a escolha de um moderador que seja experiente, flexível e com habilidade suficiente para a proposição de situações que possibilitem a interação entre os indivíduos. O trabalho do moderador, bem como o registro das interações ocorridas no grupo focal, é auxiliado pela presença de relatores.

Os relatores são pessoas que não interferem na discussão e que têm por função fazer anotações dos aspectos gestuais e da fala dos participantes. Para Sim (2008), as anotações escritas não são importantes apenas para a constatação das informações verbais e não verbais, mas também como um meio de proteção para as possíveis falhas que o aparelho de gravação de áudio venha apresentar.

A importância de informar aos integrantes que a discussão está se aproximando do final é uma condição essencial a ser considerada pelo moderador, para permitir aos participantes a organização das suas ideias e comentários finais (GATTI, 2005). Assim sendo, o encerramento da sessão deve ser feito com o agradecimento formal a todos pela participação na pesquisa.

Para Gatti (2005), o número de grupos focais dentro de uma pesquisa depende do conjunto de informações obtidas sobre o objeto em questão. Quando o corpus é insuficiente e, dessa forma, não é possível a compreensão do problema, deve ser feita uma nova sessão. Segundo Barbour (2009) e Flick (2009), não existe um número mágico para a quantidade de grupos em uma pesquisa, ele depende da questão-problema e cabe ao pesquisador determiná-lo a partir do número de comparações que ele deseja fazer.

## CONCLUSÃO

O GF constitui-se em uma importante técnica de investigação para a compreensão de ideias e saberes que pessoas apresentam sobre determinado tema. Essa técnica ganhou espaço principalmente a partir da Segunda Guerra Mundial, em pesquisas de Marketing (SUBRAMONY, 2002) que tinham por objetivo investigar as percepções dos consumidores sobre determinado produto, que seriam encaminhadas às empresas no sentido de promover melhorias quanto à qualidade e à oferta de novos serviços ou até mesmo novos produtos.

Com o passar dos anos, o GF foi se consolidando como uma poderosa técnica de investigação qualitativa das ciências sociais e humanas, sendo inclusive aplicada em diversos segmentos, como Saúde, Política, Mídia e Economia. A heterogeneidade e o pluralismo de ideias são condições que se apresentam no trabalho com os grupos focais e o que os tornam uma forte técnica para as pesquisas de natureza qualitativa social (GATTI, 2005).





## RESUMO

O grupo focal é uma metodologia que propõe uma dinâmica de interações entre um conjunto limitado de pessoas, que devem estabelecer entre si, uma troca mútua de informações, pensamentos, expectativas, com relação a um determinado tema, provenientes de suas experiências pessoais e do contato com o seu meio social, sendo orientadas por um moderador ou facilitador. É importante destacar que com o GF é possível obter um maior número de informações acerca do objeto estudado, principalmente quando comparado a outros meios de coletas de dados, a citar: a observação, a entrevista individual e os questionários (GATTI, 2005).

O desenvolvimento da técnica do GF exige experiência do pesquisador e o atendimento a algumas características bem peculiares.



## PRÓXIMA AULA

Na próxima aula iremos abordar a organização e a estrutura de um projeto de pesquisa, e conhecer os seus principais tópicos, suas definições e características.



## AUTO-AVALIAÇÃO

1. Apresente os principais aspectos que tornam o grupo focal uma importante técnica de interação grupal e de levantamento de informações sobre determinado fenômeno social.
2. Quais as vantagens que o GF apresenta quando comparado com outros instrumentos de coleta de dados.
3. Porque é importante os sujeitos participantes de um GF possuírem alguma relação com o tema a ser discutido.
4. Proponha um tema social para ser investigado, defina o número de integrantes e as formas de registros das interações, e a partir destes, elabore um roteiro para o desenvolvimento de um GF.
5. Explique os papéis do moderador e dos relatores em um GF.

## REFERÊNCIAS

- BABOUR, R. **Grupos focais**. Tradução Marcelo Figueiredo Duarte. Porto Alegre: Artmed, 2009. 216 p.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUM, N. C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. Cap. 1. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (orgs.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. Tradução Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CARVALHO, A. M. P. de. Uma metodologia de pesquisa para estudar os processos de ensino e aprendizagem em salas de aula. Cap. 1. In: SANTOS, F. M. T. dos; GRECA, I. M. **A pesquisa em Ensino de Ciências no Brasil e suas metodologias**. Ijuí: Editora Unijuí, 2007. p. 13-48.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FOLCH-LYON, E.; TROST, J. F. Conducting Focus Group Sessions. **Population Council**, v. 12, 1981. p. 443-449.
- FREEMAN T. 'Best practice' in focus group research: making sense of different views. **Aim Journal of Advanced Nursing**, v. 56, 2006. p. 491-497.
- GATTI, B. A. **Grupo focal nas pesquisas em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005. 77 p.
- GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paideia: cadernos de Psicologia e Educação**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 24, 2003. p. 149-161.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MARTINS, H. H. T. de S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 30, n. 2, 2004. p. 289-300.
- SIM, J. Collecting and analysing qualitative data: issues raised by the focus group. **Journal of Advanced Nursing**, v. 28, n. 2, 2008. p. 345-352.
- STEWART D.; SHAMDASANI P.N. **Focus Groups: Theory and Practice**. Newbury Park, CA, USA, Sage Publications, 1990.
- SUBRAMONY, D. P. et al. Using Focus Group Interviews. **Performance Improvement**, v. 41, n. 8, 2002. p. 40 – 47.
- WIBECK, V., DAHLGREN, M. A. ÖBERG G. Learning in focus groups: an analytical dimension for enhancing focus group research. **Qualitative Research**, v. 7, n. 2, 2007. p. 249-267.